REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 821

20 DE OUTUBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. REIS TORGAL

ADVOGADO dos de melhor fama, parlamentar distinctissimo, exercendo cargos de maior importancia em algumas das mais afamadas companhias industriaes e de credito, o dr. Reis Torgal, muito conhecido em Lisboa, conseguiu pela sua afabilidade, alegria do seu trato, espirito da sua conversação, rodear-se de uma atmosphera de sympathias.

Estimam-o os que mal o conhecem, adoram-o os que com elle tiveram alguma vez o prazer de estreitar relações.

Pelo seu talento se impoz. Grandes qualidades phisicas de orador alliam-se n'elle a uma logica de ferro. Primeiro no fôro, depois no parlamento facilmente conquistou o nome de que hoje póde ufanar-se.

Ainda este anno, na passada legislatura, foi unanimemente applaudido nos seus discursos sobre o projecto de lei referente á contribuição sumptuaria de que era relator.

E o mais extraordinario é que todos folgam com as victorias que elle alcança porque o estimam pelas suas qualidades excepcionaes de espirito, pelas outras de maior valia de seu excellente coração.

É além d'isso um trabalhador infatigavel, applicando seus extraordinarios dotes aos mais variados assumptos, hoje discursando na camara, amanhã argumentando na Boa-Hora, pela manhã escrevendo um relatorio financeiro para um banco, á tarde discutindo n'uma assembléa de grande companhia.

E, sempre alegre, e sempre bom, sorridente, lhano, falando a todos e ainda tendo tempo para se incommodar pelos amigos e pelos desvalidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O inverno é comnosco. Foram-se até o verão de S. Martinho os dias de sol esplendido.

Sob as primeiras grandes bategas sahiu do quartel na Junqueira e partiu para o arsenal da marinha a expedição que embarcou com destino a Macáo.

Foi esta mais falada, porque haviam dado na vista os uniformes novos, realmente bonitos. Atrahiam a attenção os officiaes com seus chapéos emplumados, os soldados com botas até ao joelho e fardamentos azues.

Cahia a chuva, e elles vieram marchando por essas ruas com a musica dos marinheiros á frente. Era toldado o céo todo por nuvens muito baixas e o *Africa* atracado á ponte do arsenal desenrolava suas espiraes de fumo negro, que mal se erguia na atmosphera humida, logo vergando e ennegrecendo as aguas do Tejo. A charanga tocava o hymno da carta e elles iam embarcando, todos com uma saudade a enlutar-lhes o coração, levando ainda na bocca a amargura das lagrimas, bebidas em faces beijadas na hora triste da despedida.

Calou-se a musica, ouviram-se as primeiras pancadas do embolo, o navio marchou pelo Tejo fóra. Olhos saudosos perderam-o de vista, ainda antes que elle chegasse á barra, a roncar lá ao longe na grande cerração.

Lá vão mais essas centenas d'homens cumprir um dever, e vão com elles, cheios de magua mas pela razão conformados, os corações de muitos.

Doe sempre ver partir para tão longe tanto homem em plena mocidade, todos incertos do seu futuro, addiando a realisação d'um sonho, sobre Deus desde quantos annos acalentado. Choram as mães, choram as noivas.

Era o primeiro dia de inverno; mais augmentou a tristeza d'aquelle embarque e havia de tornar mais longas as primeiras horas da jornada.

Os dias seguiram-se todos tristes, ennuveados, chorosos. Uma vez ou outra um raio de sol a dizer-nos que ainda lá está, um pedaço de céo em noite sem luar, mas cheio das estrellas scintillantes com que sempre de inverno se enfeita.

Acabou-se o verão, temos de falar de sua despedida, de bailes, festas e jogos e d'outros assumptos ainda que foram falados, todos pequeninos, sem valor, ao pé da enorme dôr d'aquella mãe agarrada ao filho que partia.

Mas cada qual dá maior importancia ao que mais de perto lhe toca. E emquanto o *Africa* vae singrando Mediterraneo fóra, á descoberta de novas estrellas e outras côres no mar, continuamos nós a falar das festas de Cascaes, do que vae por Lisboa em theatros, coisas que a tantos importa que as tratam em artigos de fundo.

Valha-me Deus! que até eu deixei por dias o meu socego e desiquilibrei um tanto a minha vida. Chamei-me á ordem vendo aquelles que partiam, arriscando não simplesmente os nervos — uma ou duas nevralgias, uma ou outra noite de insomnia — mas muito mais, talvez o proprio sangue. Ha coisas muito maiores em que tanto vale a pena pensar-se! mas somos assim, temos de gastar horas com os nossos assumptos pequeninos. *Pro domo mea* ainda tem muita força.

O tempo tambem concorreu para azedar os

animos em Lisboa. O céo era tão triste, as ruas tão enlameadas! Descia o máo humor desde o céo, trepava-nos pelo corpo desde o chão.

Em Cascaes importaram-se menos com as descargas celestes e as partidas de *lawn tennis* entre inglezes e lusitanos continuaram apesar da chuva.

Os fieis alliados venceram em todas as partidas, mas a alegria que em nós celebra a cançoneta franceza não murchou por tão pouco. Na noite seguinte ao da chegada do principe real, que, acompanhado por Mousinho de Albuquerque, andou viajando pelas provincias do norte, realisou-se o grande baile na cidadella, cujas salas se achavam ornamentadas formosissimamente.

Lindo final de estação. Cascaes está a acabar por este anno. Della Guardia e Zacconi darão breve o signal para a retirada dos ultimos teimosos.

Entretanto foram abrindo em Lisboa os theatros de D. Maria e D. Amelia.

E cá estamos em theatros outra vez, um nadinha mais cedo do que desejáramos, porque nos não queriamos alongar no assumpto. Mas tem de ser.

A projectada reforma do theatro normal aqueceu os animos. Levantou-se nos jornaes de Lisboa viva polemica, falou-se muito de interesses feridos, falou-se de despeitos, architectaram-se castellos de argumentos sobre boatos que vão correndo, e Deus sabe quem os inventou e mais o diabo ás vezes.

Quando o *Diario do Governo* publicou em agosto de 1898 o decreto pelo qual se rege a actual sociedade exploradora do theatro de D. Maria, depois que pelo ministro foi indeferido o requerimento d'alguns auctores dramaticos que reclamaram contra certos artigos, expuz n'este mesmo logar as razões que me obrigaram a protestar contra um diploma, que, aliás, continha clausulas justissimas e revelava profundo saber em seu auctor. As mesmas razões que então apresentei continuo a achal-as cada vez mais justas. Erros que houve na applicação do decreto, aliás previstos, mais me arraigaram no desejo d'uma reforma na qual se attendesse ás queixas de muitos auctores dramaticos, de muitos actores, até creio que de não pequena parte dos actuaes societarios e d'outros que o foram e deixaram de ser por diversos motivos: Joaquim d'Almeida, que nem chegou a representar sob o actual regimen depois de haver requerido para entrar na sociedade, Lucinda do Carmo, Delfina e Laura Cruz.

Desejo a reforma do theatro e muito especialmente a d'aquelles artigos, contra que sempre protestei, do decreto assignado pelo sr. José Luciano de Castro. Sou coherente e tanto sempre o fui até hoje, que, embora coisa alguma a tal me obrigasse, nem ponto d'honra nem sequer capricho, não me quiz nunca sujeitar ao que uma vez desapprovára.

Inimizade alguma a tal me instigava. Como visitante e amigo muita vez entrei no palco de D. Maria. Até aproveito esta occasião para em publico agradecer ao sr. Carlos Posser a extrema delicadeza que sempre usou comigo, quer vindo a minha casa pedir-me para traduzir uma das primeiras peças no theatro normal representadas, quer convidando-me para espectaculos e ensaios, mostrando-se-me afavelmente desejoso da minha opinião. O primeiro favor não lh'o pude acceitar e o sr. Carlos Posser, que é um homem de bem, reconheceu as minhas razões.

Nada me impelle afóra o vivo desejo de ver melhorar o nosso theatro. Agora combato o que desde seu inicio combati. Nem mais nem menos. Agora com mais algumas razões.

E visto ver me obrigado a falar na primeira pessoa, a escrever este *eu*, coisa que nos outros tanto me arrelia, defeito de chronista a que tanto fujo, contarei um caso.

Mal conheci Antonio Ennes, cujo talento admirava e por quem tinha a grande sympathia que a todo o homem com um bocadinho de sentimento merece quem alguma vez demonstrou qualidades superiores. Entrei para o rol dos humildes auctores dramaticos muito tarde, quando já Antonio Ennes havia muito se retirára para outros campos onde maiores glorias havia de colher. Elle summidade na politica, eu na minha sombra, frequentavamos meios differentes. Na minha vida não lhe apertei a mão tres vezes, não conversámos dez minutos a fio. Julgando meu dever atacar-lhe a obra, não esqueci um só momento o respeito que lhe devia. E tanta justiça, não deverei talvez dizer nas minhas razões mas nas minhas intenções, elle encontrou, que me deu desde então inequivocas provas de sympathia, protegendo até, espontaneamente, e com toda sua altissima influencia — o que só muito depois soube e por acaso — uma pequena pretenção que eu tinha.

Por isso me doe, e talvez só por isso tanto me alargue no assumpto, que se diga que falar em reforma é atacar o grande morto. Dizem-o os que se escudam com elle, á falta de melhores razões, como quem se põe atraz d'uma pessoa estimada que póde ser ferida, se o atirador não fôr mestre, o qual por essa defeza se amedronta.

O proprio Antonio Ennes não fez mais do que sujeitar á experiencia a sua reforma, e ninguem póde hoje dizer o que d'ella hoje elle pensaria. Gigante foi Almeida Garrett e veiu um dia em que a sua obra de organisação de theatro caducou completamente. Dir-me-hão que é cedo ainda, que a experiencia não está completa, que as culpas são outras e que o decreto é d'ellas innocente, responderei simplesmente que, mau grado esforços que sempre me mereceram elogios, o theatro de D. Maria está longe da altura a que já deveria ter attingido desde a maior protecção dos governos e tão bons desejos do publico.

Quem em tempos de Antonio Ennes lhe combateu a obra, tem de ser coherente e, se os factos lhe não deram motivo para modificar seu juizo, continuar n'elle como lh'o manda a consciencia.

Artigos ha no decreto de 1898 que julgo prejudiciaes; é innegavel que muitos outros foram mal comprehendidos na sua execução. Para bem da arte julgo convenientissima a sua reforma.

Desculpem os leitores. Rarissimas vezes abuso podendo intitular a chronica: *Pro domo mea*.

Tinha que defender-me porque me atacaram com a maior injustiça.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPEDIÇÃO A LOURENÇO MARQUES

No dia 5 do corrente, partiu a bordo do paquete *Zaire*, da Empreza Nacional, mais uma expedição militar com destino á Africa Oriental portugueza.

As forças, na totalidade de 34 officiaes e 814 praças de pret, eram assim constituidas:

Artilharia 4, 1 capitão, 3 tenentes, 1 primeiro sargento, 4 segundos, 4 primeiros cabos serventes, 4 conductores, 32 soldados serventes, 34 conductores, 2 clarins e 2 ferradores — ao todo duas secções com 77 homens.

Cavallaria 1, 1 capitão, 1 tenente, 1 alferes, 1 primeiro sargento, 6 cabos, 54 soldados, 2 clarins e 2 ferradores — ao todo dois pelotões com 72 homens.

Cavallaria 2, 1 major, 1 ajudante, 1 capitão, 2 tenentes, 2 alferes, 1 selleiro-correeiro, 1 mestre de ferradores, 1 primeiro sargento, 6 segundos, 9 cabos, 81 soldados, 3 clarins e 2 ferradores — ao todo 3 pelotões com 112 homens.

Infantaria 9, 1 major, 1 ajudante, 1 commandante de pelotão de sapadores, 3 capitães, 3 tenentes, 6 alferes, 1 correeiro, 1 carpinteiro, 13 primeiros sargentos, 24 segundos, 36 primeiros cabos, 471 soldados e 12 corneteiros — ao todo 3 companhias com 564 homens.

Serviços de saude, 1 tenente-medico, 2 alferes veterinarios e 10 enfermeiros.

Serviço de administração militar, 2 alferes e 8 soldados.

Como de costume, o embarque fez se na ponte do Arsenal de Marinha, assistindo El-rei, grande numero de officiaes e immensa multidão.

O *Zaire* largou da ponte ás 4 horas e 10 minutos da tarde, ao som do hymno da Carta, emquanto se cruzavam, de bordo para terra e vice-versa, os adeuses e as despedidas.

Mais um punhado de valentes soldados portuguezes, abandonando o lar e os seres queridos, vão agora pelo oceano, a longinquas paragens, que são tambem terra portugueza, defender e conservar erguido o glorioso pendão das Quinas, que tantas vezes os tem guiado á victoria, impondo-se ao respeito do mundo civilisado.

Com elles vão os nossos mais ardentes votos de uma feliz viagem e de um completo exito na missão que vão desempenhar.

O NOVO TRANSPORTE «ALVARO DE CAMINHA»

A marinha de guerra portugueza foi augmentada ha uns seis mezes com um novo vapor para fiscalisação de costas nas colonias, o qual se encontra no Tejo desde maio ultimo e tem o nome de *Alvaro de Caminha*, tendo sido construido em Hamburgo e custado cerca de sessenta contos de réis.

O novo navio é destinado ao serviço privativo da provincia de S. Thomé e Principe. Foi construido na casa R. Holtz, de Hamburgo, tendo o governo portuguez nomeado os engenheiros do *Bureau Veritas* para fiscalisarem a sua construcção.

As dimensões do *Alvaro de Caminha* são as seguintes: comprimento maximo 47,m5; bocca no grosso do navio 6,m89; calado d'agua, carregado com 20 passageiros, mantimentos e 45 toneladas de carvão nos paioes, é á prôa 1,m40 e á ré 2m. A capacidade maxima é de 350 toneladas e tem a velocidade de 10 milhas, havendo attingido, nas experiencias, a que assistiu o 1.º tenente Antonio Pereira do Valle como delegado do governo portuguez, a de 11 milhas e satisfazendo cabalmente todas as condições estipuladas no contracto.

O material de construcção e caldeira são de aço de primeira qualidade «Siemens Martin».

O navio é illuminado a luz electrica e tem projector para serviços de carga e descarga.

Por proposta apresentada superiormente, para acquisição de artilheria para este transporte, parece que será provido de duas peças de tiro rapido, de 4,mm á prôa, dois canhões revolver no castello e duas metralhadoras automaticas de 6,mm5 no tombadilho.

A classificação do *Alvaro de Caminha*, segundo os documentos existentes na direcção geral do ultramar é ✠ 1. 3/3 G. 1. 1 A 2. C. P. que corresponde á de primeira na classe a que pertencem os navios classificados pelo *Bureau Veritas*.

O *Alvaro de Caminha* entrou ha dias no dique do arsenal, afim de se lhe pintar o fundo e apromptar-se para o seu destino.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Completaram-se ha pouco setenta annos sobre o dia em que falleceu o pujante polygrapho José Agostinho de Macedo, cuja individualidade bem poderão apreciar quantos quizerem conhecel-a, graças aos volumes recentemente publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa e á serena discussão das brilhantes faculdades que o erudito escriptor sempre revelou, latentes nas suas obras e accentuadas por um temperamento bilioso ou por um intimo e justo conhecimento da inferioridade d'alguns que o atacavam.

Se a sua vida particular teve desregramentos, se a sua vida publica foi uma guerra constante de violentas pugnas litterarias e politicas, quantos outros escriptores bem cotados soffreram do mesmo mal! Houve em José Agostinho de Macedo as aggravantes de ser padre e de se tornar o acerrimo defensor do regimen politico que passou; circumstancias mais que sufficientes para os contrarios lhe dirigirem quantas arremettidas se conhecem e que elle repelia em vigorosas defezas que se tornavam terriveis ataques. E sobretudo quando elle, na logica sequencia da elaboração litteraria do seculo, quiz por sua vez traçar uma outra idealisação epica das navegações portuguezas, compondo o *Oriente*, os criticos, mais apaixonados do que lhes permittia a auctoridade que se arrogavam, só viram no poema de José Agostinho uma louca pretensão de se equiparar a Camões, quando desconheceram positivamente o papel que o *Oriente* vinha representar, e que, só volvido um seculo, a critica descortina, fazendo-lhe a necessaria justiça e rendendo-lhe a justa homenagem. Nos principios do seculo XIX, o *Oriente* é a idealisação epopaica, tal como era possivel n'esse tempo, do assumpto principal que inspirou a Camões.

Mas o *Oriente* não deve comparar-se aos *Luziadas*, e a comparação só a tentaram os que não se aperceberam da sua significação. Chega a ser secundaria a questão do poema corresponder condignamente ao assumpto. Tal como existe representa a epoca em que se compoz, e da valia d'este predicado ha que ajuizar seguramente quando bem julgados o gosto e as escolas litterarias então predominantes.

Só passadas algumas dezenas de annos, restituidos á tranquillidade os espiritos pelo esquecimento do acceso das contendas ou pela desapparição dos contendores, é que se póde emittir uma apreciação mais segura e honesta.

*

Com natural jubilo temos visto a publicação dos tres volumes já sahidos dos prelos da Academia Real das Sciencias e intitulados respectivamente: *Memorias para a vida intima de José*

Agostinho de Macedo por Innocencio Francisco da Silva; *Obras ineditas de José Agostinho de Macedo* (cartas e opusculos); *Obras ineditas de José Agostinho de Macedo* (censuras a diversas obras, composições lyricas, didacticas e dramaticas).

O primeiro volume foi organisado sobre tres redacções manuscriptas de 1848, 1854 e 1863 e ampliado em quanto a documentos e bibliographia pelo sr. dr. Theophilo Braga. No seu *Diccionario Bibliographico*, fallando de José Agostinho de Macedo, refere Innocencio o seguinte ácerca de aquelle seu trabalho, que só agora se publicou devido aos esforços conjugados do sr. dr. Theophilo Braga com a cedencia dos respectivos autographos por parte do venerando jornalista sr. Brito Aranha, que os possuia entre o material para a continuação do *Diccionario Bibliographico*:

«No anno de 1847, observando eu que pouco ou nada se escrevera até esse tempo da pessoa e feitos de J. A. que tivesse o cunho da verdade, e que nem ao mesmo existia ainda impresso o catalogo geral de suas numerosas composições, occorreu-me dedicar a este assumpto alguns dias de mais folga. A' custa de diligencia cheguei a reunir uma avultada porção de documentos authenticos, recolhidos de fontes insuspeitas, que com outros subsidios de prestimo, juntos a um minucioso e repetido estudo feito sobre as proprias obras do padre, me habilitaram a dar por concluido o meu trabalho em fins de outubro de 1848, como bem sabem aquelles a quem então o mostrei.»

Tendo achado tres redacções d'estas memorias, o sr. dr. Theophilo Braga declara-nos em resumo o que fez para as publicar:

«Fixámos o manuscripto mais perfeito continuando o com o incompleto, e integrando-o com o primitivo; isto é o fragmento de 1863 proseguido pelo de 1854 e completado pelo de 1848, intercalando nos seus logares todas as notas avulsas;

«Completámos os documentos que faltavam, e de que Innocencio não tivera noticia, por copias que tirámos no Archivo da Intendencia da Policia, hoje na Torre do Tombo;

«Refundimos a bibliographia de José Agostinho, que ficára em 1848, ajuntando-lhe tudo quanto se apurára até 1863 e accrescentando-lhe o mais que se conhece até 1898, revendo toda a parte descriptiva sobre os livros impressos e manuscriptos existentes;

«Accrescentámos varias satyras ineditas, como elucidativas da vida de José Agostinho, porque achámos essa indicação em um papel avulso de Innocencio.»

A biographia de Macedo escripta por Innocencio tem um enorme valor, especial, que se deve ponderar. E' o de que havendo no seu espirito uma attracção irresistivel para aquelle vulto da litteratura portugueza, compensada por uma aversão instinctiva de sectario de regimen politico opposto, á medida que prosegue nas suas investigações, vae reconhecendo a figura eminente de Agostinho de Macedo, cuja importancia nas lettras e acção intensa na sua epoca não pode escurecer. E este penhor da genuinidade das affirmativas é accrescentado com a idiosyncracia de temperamento do biographo com o do biographado, ambos aggressivos, phreneticos, e conscios do seu proprio merecimento.

José Agostinho de Macedo nasceu na cidade de Beja a 11 de setembro de 1761 e morreu em Pedrouços a 2 de outubro de 1831. Foi nomeado prégador regio em 1802; censor do ordinario nos annos de 1824 a 1829; socio da Arcadia de Roma e da Academia de Bellas Lettras de Lisboa, com o nome de Elmiro Tagideo; deputado substituto ás côrtes ordinarias de 1822 pelo circulo de Portalegre; e nomeado substituto do chronista do reino em 21 de junho de 1830.

Do desempenho d'estas funcções restam bastantes escriptos que attestam o vigoroso talento do notavel polygrapho. Muitas especies bibliographicas se consignam e difficilima se torna a enumeração minuciosa, tão grande é o seu numero. No volume das *Memorias* vem essa lista o mais completa possivel e a ella remettemos o leitor que deseje conhecer as obras de José Agostinho.

O segundo volume *Obras ineditas*, publicado pela Academia, contem as cartas e opusculos, que não só documentam a vida intima de Macedo como os successos da historia litteraria e politica do seu tempo. São precedidos de uma longa prefacção critica do sr. Theophilo Braga, em que se traça luminosamente a vida litteraria de Macedo, terminando com estas palavras.

«As irrefreaveis paixões que o fizeram detestado passaram; sómente ás serenas emoções é que compete collocar em um foco de verdade esse vulto que a historia litteraria de Portugal não poderá deixar de estudar.»

O terceiro volume contem as censuras a diversas obras, e composições lyricas, didacticas e dramaticas. As censuras são peças interessantissimas, revelando umas a mais vasta erudição, outras muito bom senso, por vezes rude e brutal, e algumas tão chistosas e finamente ironicas como a sua celebre producção *As pateadas investigadas na sua origem e causas.*

Abre este volume *com um breve estudo sobre a historia da censura official* pelo sr. Theophilo Braga, que esclarece:

«A primeira censura é datada de 10 de abril de 1824 e a ultima de 16 de outubro de 1829; são analyses criticas em forma de cartas humoristicas de caracter reservado dirigidas ao arcebispo vigario geral do patriarchado D. Antonio José Ferreira de Sousa, por quem corriam as licenças depois da informação consultada. O vigario geral admirava José Agostinho e guardou com esmero todas as censuras autographas, consentindo que os curiosos extrahissem copia de algumas.»

«No periodo em que J. A. exerceu a censura era este encargo summamente penoso, porque as idéas politicas do liberalismo eram systematicamente confundidas com o racionalismo philosophico, e o partido apostolico, impondo o absolutismo monarchico para prevenir-se contra o pensamento moderno, submettia todos os livros a duas alçadas, por vezes antagonicas, os censores regios e os censores do ordinario ou da auctoridade ecclesiastica.»

As composições lyricas, didacticas e dramaticas abrangem metade do livro.

O quarto volume e ultimo d'esta collecção, já no prelo, é constituido pelo poema *O Oriente*, em edição definitiva feita sobre as variantes ineditas e fundamentaes autographas de 1830.

A Academia Real das Sciencias tem assim prestado uma homenagem, que muito nos alegra ver realisada para honra de todos.

Passando no presente mez o septagesimo anniversario do fallecimento do grande escriptor, que morreu com egual numero de annos, completados em 11 de setembro, levou-nos esta coincidencia dos algarismos a aproveitar a occasião para rememorarmos o seu nome, a sua figura e as suas obras. Por isso escrevemos esta rapida noticia, a acompanhamos do seu retrato, e nos referimos especialmente á publicação dos tres volumes indicados.

Esteves Pereira.

AO OURO [1]

Louro metal, que lá do centro escuro
Da terra, que em seu seio te escondia,
Saiste a vêr o dia
Por mãos do ferro, mais que o ferro duro,
E mais que o ferro artifice da guerra
Tyrannisando a terra
Soberbo, forte, brandamente forte,
Adquirindo o poder da propria morte.

Indigno foi do nome generoso
Quem penetrando abobadas escuras
Viu das entranhas duras
Da terra, anatomista rigoroso,
Os reconcavos intimos aonde
Justa a terra te esconde,
Pois crendo que a teu jugo se redime
Entre grilhões de marmore te opprime;

Em seu rigor piedosamente esquiva
Quando ao trato commum te difficulta
No centro em que te occulta
Em carceres te põem de penha viva,
Avara conservando d'este modo
A paz do mundo todo,
Porque soberbo em diligencias tantas
Com os imperios do mundo te levantas.

Com presumpção de intrepido e de altivo
A effeito trouxe de seu proprio damno
Atrevimento humano
Do luminoso sol ardor nocivo;
Porém mais temerario atrevimento
Por impulso violento
Te foi buscar em destruição do mundo
Pallida furia ao barathro profundo.

A violencia trouxeste, a fraude impía,
Perturbadoras do socego humano,
E desculpando o engano
Fizeste lei da propria tyrannia.
O trato fiel, o inexpugnavel muro
E' por ti mal seguro,
E accommettes com mão impia atrevida
O amor, a honra, a patria, o sangue, a vida.

Tu deste alentos ao primeiro pinho,
Para que arando o campo nunca enxuto
Largasse resoluto
Azas ao vento de delgado linho;
Tu quebrantaste a paz no mar salgado,
Enganando o cuidado,
Para que esqueça o perigo com a memoria
Destes ao perigo titulos de gloria.

Tu só por insolente respeitado
Ao vulgo superior dos metaes todos,
Cobres por varios modos
Um logar sobre a sorte collocado:
Em virtude da propria formosura,
Andas sobre a ventura
Acclamado do mundo não somente
Rei dos metaes, mas idolo da gente.

José Agostinho de Macedo.

[1] Esta canção é extrahida do segundo volume das *Obras ineditas de José Agostinho de Macedo* publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa — 1901.

Censura a um drama traduzido de Kotzebue [1]

Ex.mo e R.mo Sr.

Li o drama incluso, que se diz traduzido do allemão de Kotzebue: este poeta e gazeteiro foi morto ha poucos annos por um estudante, e pouco chorado pelos liberaes de Allemanha; e é tal o fado avêsso do poeta, que veiu a ser segunda vez morto, e mais cruelmente esquartejado em Portugal por um traductor, e d'elle se pode dizer o que em França se disse de outro que tal: — Tenha a gloria que matou um poeta! — Será muito espirituoso o vinho do Rheno, e muito mais o de Tokay na Hungria; mas a veia poetica allemã é mais fria e mais gelada que a Siberia e Groelandia. O traductor portuguez ainda nos deu este sorvete mais gelado. O publico lhe fará a justiça que merece, e eu tambem lh'a fizera; se este não fosse o tempo de que nos falla a Escriptura, *Tempus tacendi*, eu o mudaria em *Tempus espargendi lapides*. Não é isto objecto da censura, porque nas instrucções esqueceu o artigo — que se não licenciassem escriptos que compromettessem o tal ou qual credito da litteratura nacional. — Pelo que pertence a materias contrarias á nossa santa fé, bons costumes, ou leis d'este reino, nada tem porque se lhe possa ou deva negar a licença, sendo até obra de misericordia acudir aos impressores, que vão morrendo com fome, e aos livreiros, que nada mais fazem que enxotar moscas das lojas. Por este lado, querendo V. Ex.a, lhe poderá dar licença, ou mandar o que fôr servido.

Lisboa, 30 de Agosto de 1824.

J. A. de M.

ARTISTAS NOVOS [2]

A moderna geração artistica de Portugal apresenta-se de tal modo promettedora nos differentes ramos das Bellas Artes, que nos é dado esperar ainda no nosso paiz uma phase notavelmente productora, signal de que não vamos em lamentavel decadencia como a muita gente parece.

A musica, a pintura e a esculptura vão caminhando juntas para a conquista d'um logar honroso entre as nações cultas.

Occupar-nos hemos apenas da esculptura e a bem dizer para apresentar um artista novo entre nós, mas que vem das escolas de Paris com a sua reputação d'estatuario já feita e conquistada por differentes trabalhos de valor entre os quaes avultam os grupos do *Rapto de Ganimedes* e do *Beijo materno* que as nossas gravuras representam.

Antonio Fernandes de Sá é do Norte, região do paiz d'onde teem sahido esculptores notabilissimos em cuja esteira elle segue brilhantemente.

[1] Censura extrahida da obra acima citada.

[2] Já o nosso ultimo numero estava a imprimir quando recebemos este artigo, destinado a acompanhar as gravuras a que respeita. Inserimol-o, todavia, muito gostosamente.

(*Nota da redacção*).

Discipulo da Academia portuense de Bellas Artes, que frequentou com notavel aproveitamento e distincção, foi em 1896 para Paris, subsidiado pelo governo, e ali estudou com o afan d'um verdadeiro artista que quer possuir bem a sua arte. Guiaram-n'o n'esse seu empenho as lições de Falguiére e Puech, estatuarios de fama que tiveram no nosso compatriota um discipulo tão enthusiasta como distincto durante os cinco annos da sua permanencia na capital franceza.

Durante esse periodo d'aprendizagem muitos trabalhos sahiram do seu *atelier* para as exposições; e, pelas recompensas que obteve, vê-se que esses trabalhos não eram já meras tentativas d'um novo, mas levavam o cunho d'um artista feito, conquistavam-lhe o apreço dos entendidos, valiam-lhe distincções entre os trabalhos de tantas summidades artisticas que a ellas concorriam.

Foi o que aconteceu com o *Rapto de Ganimedes*, que o *Salon* de 1898 classificou com menção honrosa. Nada mais fino e delicado do que a formosa creança arrebatada pela Aguia de Jupiter para os festins do Olympo. Ella não vae a debater-se nas garras do monstro, nas convulsões do medo, no terror do immenso precipicio que o rodeia; seria uma concepção demasiado realista para um espirito de doces phantasias. O artista imaginou-a como que sciente da sua missão divina e deixando-se arrebatar sobre as azas da aguia exactamente como seria erguido carinhosamente pelos braços maternos. Calmo e sorridente o filho de Tros não manifesta temor: quando muito a tacita admiração pelo infinito dos espaços que atravessa e a sua conformidade absoluta com a vontade dos deuses que o chamam para si.

A par d'esta concepção poetica, tão graciosamente modelada, Fernandes de Sá apresenta-nos um outro trabalho de puro realismo, não do realismo torpe que muitos sectarios da escola se comprazem em apresentar na tela, no marmore e nos livros mas do que elle tem de sympathico e encantador. É o seu primoroso grupo do *Beijo materno* em que a alma d'uma mãe carinhosa como que envolve o filho n'um manto de ternura extrema. Fugindo ás facilidades do panejamento e tratando o assumpto como verdadeiro academico, Fernandes de Sá arcou triumphantemente com as difficuldades do nú e se alguem achar que é um pouco forçada essa nudez em tal momento, lembre-se que o artista fazia então a prova final do seu pensionato e tinha que apresentar uma obra em que mostrasse como estudou e aprendeu a modelar as formas do corpo humano, a trabalhar uma academia, a differenciar a suavidade das linhas d'um corpo infantil ou feminino dos traços vigorosos e musculos d'um athleta.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Não consente a estreiteza do espaço uma larga analyse d'essas duas obras d'estatuaria que teem merecido ao seu auctor os mais calorosos elogios e incitamentos a continuar na sua promettedora carreira.

Não podemos, porém, deixar de lamentar que o estado, com as suas singulares economias privasse o artista dos meios necessarios para a modelação em marmore do seu bello grupo, ficando apenas com um modesto *gesso* quando por pouco dinheiro poderia ter um magnifico marmore com que enriquecesse os nossos muzeus.

Antonio Fernandes de Sá é um dos candidatos á vaga de professor d'esculptura na Academia de Bellas Artes do Porto, vaga para a qual o governo, segundo o regulamento organico d'aquella academia, tem de abrir concurso, o que não deixará de fazer sabendo-se que varios artistas de merito disputam o seu provimento.

Francisco Braga.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 820)

1897-1898

O governo põe a concurso a adjudicação do theatro de S. Carlos por cinco annos — Inepcia do programma — Concorrentes a emprezarios — A lucta entre Freitas Brito e José Pacini — Os protectores d'estes pretendentes — Boatos que correm — Tres rainhas a favor de José Pacini — É adjudicado o theatro a José Pacini e C.ta — Bom acolhimento que o publico fez ao novo emprezario — Assignaturas ordinaria e extraordinaria — Enorme affluencia de assignantes — Obras no theatro — Companhia lyrica — Excesso de cantores para desempenharem os mesmos papeis nas mesmas operas. — Repertorio — Operas novas — *Andrea Chénier*, de Giordano — *Mario Wetter*, de Augusto Machado — *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns — Como as recitas ordinarias foram em geral superiores ás extraordinarias — Principaes artistas da companhia — Reapparecimento de Eva Tetrazzini e de Ernestina Bendazzi — As damas Lussan, Litvinne, Parsi e Lerma — Os tenores Garulli, Cartica, Dupeyron e Grani — Os barytonos Francisco Andrade e Mario Ancona — Começa a guerra contra a empreza — O antigo emprezario Freitas Brito e os seus amigos; difficuldades em atacar a empreza ao principio — A fraqueza das recitas extraordinarias, e das chamadas celebridades artisticas, anima os inimigos da empreza — A primeira tempestade no theatro — Tumultos e prisões — A doença de Francisco Andrade; rescisão do seu contrato — Embaraços e lucros da empreza — A doença da Matilde de Lerma; sua recusa de cantar; a policia quer obrigal-a a can-

O Real Theatro de S. Carlos

MAESTRO GIACOMO PUCCINI

MAESTRO R. LEONCAVALLO

A EXPEDIÇAO MILITAR PARA LOURENÇO MARQUES

Embarque na ponte do Arsenal

tar—Pateadas e novos tumultos—Como a procella acalmou com o apparecimento de um simples official da policia!—As ovações á dama Armida Parsi consideradas como guerra á empreza! Como esta não deixou mais cantar a dama De Lerma.

A união que tão intimamente se havia estabelecido, em 1876, entre a familia Pacini e Freitas Brito, havia afrouxado nos ultimos annos; havendo ruptura de relações completas primeiramente entre José Pacini e Freitas Brito, rompimento que depois se generalisou a toda aquella familia, passando a gladiar-se cruamente, apresentando-se José Pacini como concorrente á futura exploração do primeiro theatro lyrico de Portugal.

Entretanto, a principio, as apparencias eram a favor do emprezario que findára, em 1897, os cinco annos da sua ultima exploração d'aquelle theatro.

Em 7 de março de 1897, o *Diario do Governo* publicou o programma, datado de 5 do mesmo mez, abrindo concurso, pelo praso de 15 dias, para a adjudicação do theatro de S. Carlos por 5 annos. Era ainda mais favoravel para o emprezario, do que tinham sido as condições de exploração no periodo de 1892 a 1897.

O programma exigia só 40 recitas em 3 mezes; uma caução de 7:000$000 réis; o deposito d'esta caução só era exigivel antes de começarem os espectaculos; quer dizer, o emprezario tinha o praso de nove mezes para entrar com a caução na caixa dos depositos! Exigia-se um quarteto de cantores de provado merecimento, 16 bailarinas, 50 coristas, 54 musicos na orchestra. Penalidade alguma era consignada, para o caso de não ser cumprido o contrato pelo emprezario. De preços nem se fallava! Dizia-se que o programma havia sido feito pelo antigo emprezario Freitas Brito, e que a direcção geral de instrucção publica, no ministerio do reino, o acceitára, sem nada se preoccupar com as exigencias da arte, nem com os interesses dos compositores e musicos portuguezes, nem com os do publico em geral, e os dos assignantes do theatro em particular. Em todo o caso a responsabilidade official, das inepcias do programma, cabe ao governo.

Apesar de se fallar em que havia muitos concorrentes á exploração do theatro de S. Carlos, a imprensa, em geral, e grande parte do publico, dava como certo que a adjudicação se faria ao antigo emprezario Freitas Brito.

Quando terminou o praso do concurso, reduzido a 12 dias, porque o programma publicado em 8 era datado de 5 de março, soube-se que havia 6 concorrentes; Freitas Brito, José Pacini, Alfredo Valdez, D. Francisco de Sousa Coutinho, Sousa Bastos e Joaquim Ottolini da Veiga.

Apesar de tantos concorrentes, a opinião publica considerou, desde logo, restringida a lucta aos dois pretendentes Freitas Brito e Pacini.

Segundo o costume, não faltaram boatos mais ou menos contradictorios.

Dizia-se que o antigo emprezario Freitas Brito tinha por si um monarcha, o rei D. Carlos I de Portugal; e que Pacini era patrocinado por nem menos de tres rainha: a regente D. Christina de de Hespanha, D. Amelia e D. Maria Pia de Portugal! Tambem se dizia que apoiavam a candidatura de Pacini o conde de Figueiró e o conde de S. Januario. Este ultimo apoio era, nas actuaes conjuncturas, mui valioso, porque o conde tinha muita influencia para com José Luciano de Castro, então presidente de conselho de ministros e ministro do reino.

Não sabemos se José Pacini teve a sua candidatura favorecida por tres rainhas; mas o que parece mais certo é que Freitas Brito não foi patrocinado pelo monarcha.

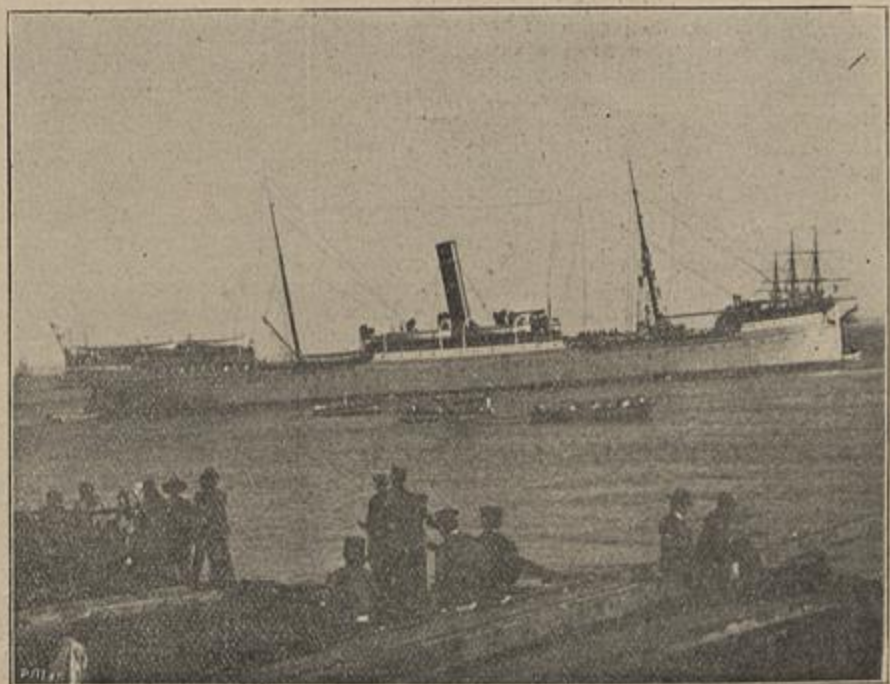
Com effeito, depois de muitos dias de anciedade, em que ora se attribuia a victoria a um ora a outro dos concorrentes, o conselho de ministros, em 7 de abril de 1897, resolveu adjudicar o theatro de S. Carlos, pelos cinco annos, de 1897 a 1902, a José Pacini e C.ia, sendo o contrato assignado a 19 do mesmo mez.

José Pacini, o novo emprezario, é irmão de Regina Pacini, a cantora que fez a sua estreia no theatro de S. Carlos, onde foi sempre muito festejada, e que tem tido uma brilhante carreira theatral; e era filho de Pietro Georgio Pacini, de cuja habilidade, e conhecimentos sobre a technica theatral, tambem já fallámos n'estas memorias.

Na sua proposta como concorrente á adjudicação do theatro obrigava-se, além de satisfazer todas as condições do programma, a dar 60 recitas em cada epocha, com duas operas novas, melhoramento de *mise-en-scéne*, augmento de artistas e coros; um beneficio de caridade; forrar as paredes e parapeitos dos camarotes e outros embellezamentos na sala dos espectaculos.

A opinião publica, exceptuando alguns amigos do ex-emprezario Freitas Brito, acolheu muito bem aquella resolução do governo. José Pacini tinha muitas sympathias; e da sua intelligencia, e convivio de muitos annos, com emprezarios, artistas e publico, e conhecimento pessoal de muitas das condições technicas do theatro, bem como dos embaraços e tricas que de costume acompanham as explorações theatraes, muito havia a esperar, para o bom andamento da primeira scena lyrica de Portugal.

A affluencia ao theatro foi enorme, e em harmonia com os sentimentos acima expostos.

O preço das recitas da assignatura ordinaria foi o seguinte:

A EXPEDIÇAO MILITAR PARA LOURENÇO MARQUES — Partida do «Zaire»

	Assignatura	Avulso
Frizas	12$000	16$000
1.ª ordem	14$000	20$000
2.ª »	8$000	10$000
3.ª »	6$000	8$000
Torrinhas	4$000	5$000
Plateia	1$000	1$500
Galerias 1.ª fila	$700	$800
» 2.ª »	$600	$700
» 3.ª »	$500	$600
Varandas	—	$400
Entrada geral, com direito a entrar nas varandas	—	$400

Além de 50 recitas ordinarias de assignatura, a nova empreza abriu uma assignatura de 12 recitas extraordinarias, tambem em dois turnos, de 6 pares e 6 impares como as da assignatura ordinaria, pelos seguintes preços:

	Assignatura	Avulso
Frizas	14$000	18$000
1.ª ordem	17$000	22$000
2.ª »	8$500	12$000
3.ª »	7$000	9$000
Torrinhas	4$500	6$000
Plateia	1$400	1$800
Galeria numerada 1.ª fila	$800	1$000
» 2.ª »	$700	$800
» 3.ª »	$600	$700
Varandas	—	$400
Entrada geral, com direito a logar nas varandas	—	$400

Estas recitas eram destinadas ás primeiras representações de operas, e aos debutes de Lussan, Litvinne, Garulli, Andrade, e festas artisticas e despedidas de Tetrazzini, Parsi, Garulli, Ancona e Andrade.

Tanto para a assignatura ordinaria como para a extraordinaria, houve enorme concorrencia, assignando-se todas as frizas e camarotes de 1.ª ordem, e quasi todos os camarotes das outras ordens e logares de plateia.

Antes de começar a epocha theatral, o governo fez varias obras no theatro. Foram renovados os dourados da sala, ficando por concluir o douramento das figuras decorativas da tribuna real. Foi inaugurado um novo panno de boca, com duas aberturas de saida com reposteiros, mais recuado que o anterior, o qual continuou em serviço tambem; o novo panno de boca deixa ficar de fóra, de cada lado do proscenio, tres camarotes sobre o palco, os quaes foram por esta occasião restaurados. Foram forrados os camarotes, com papel encarnado, que distingia com muita facilidade, e que estragou não poucas toilettes de senhoras, e casacas e calças de cavalheiros.

Foi arrancado o alpendre de ferro e vidro, da arcada da fachada principal do edificio. A collocação de tal alpendre, no anno anterior, tinha sido um attentado de mau gosto, contra a esthetica na arte architectural.

Foi collocado um alpendre, menor, de ferro e vidro, na porta especial de entrada para a tribuna real no largo do Picadeiro.

Foi começada a construcção de um novo corpo de edificio, para deposito de scenas, decorações, etc., ao sudoeste, no terreno do jardim da casa contigua, comprada pelo governo anteriormente.

Eis o elencho da companhia lyrica que funccionou no theatro de S. Carlos, na epocha de 1897-1898:

Damas: Eva Tetrazzini, Zélie de Lussan, Felia Litvinne, Matilde de Lerma, Ernestina Bendazzi Garulli, Giulia Biondelli, Armida Parsi Pettinella (meio soprano), Rosa Garavaglia (meio soprano), Ada Scalatella Treves, Lina Garavaglia (comprimaria), Clotilde de Sandre (comprimaria).

Tenores: Alfonso Garulli, Carlo Cartica, Raffaele Grani, Hector Dupeyron, Guglielmo Anastasi Pozzoni, Carlo Ragni (comprimario), Luigi Fiesoli (comprimario).

Barytonos: Francisco Andrade, Mario Ancona, Virgilio Bellati, Ottorino Beltrami, Candella.

Baixos: Ludovico Contini, Alessandro Polonini (buffo), Bourgeois, Enrico Ravira, Casimiro Saporetti (comprimario).

Choreographo: mestre de dansa, Angelo Estella.

Primeira bailarina: Esther de Saint-Signy.

Maestros: Cleofonte Campanini, Beniamino Lombardi, Gioachino Almiñana (dos coros).

60 musicos na orchestra, 60 coristas de ambos os sexos, 20 bailarinas; banda.

Director de scena: Cesare Sonino; director do palco: Luigi Magnani; ponto: Parente Ranieri; scenographo: Rovescalli; vestiarista: Chiappa; aderecista: Rancati; machinista: Attilio Vago.

Eis o reportorio levado á scena de S. Carlos na epocha de 1897-1898:

Otello, de Verdi, em 22 de dezembro de 1897, por Eva Tetrazzini, Campanini, Rosa Garavaglia, Raffaele Grani (e depois Hector Dupeyron), Carlo Ragni, Luigi Fiesoli, Mario Ancona, Ludovico Contini, Casimiro Saporetti, Ghidotti.

Aida, de Verdi, em 23 de dezembro, por Mathilde de Lerma, Armida Parsi Pettinella, Carlo Cartica, Mario Ancona, Ludovico Contini, Candella, Fiesoli.

Cavalleria rusticana, de Mascagni, em 29 de dezembro, por Tetrazzini, Rosa Garavaglia, Cartica, Virgilio Bellati, Sandre.

Pagliacci, de Leoncavallo, em 29 de dezembro, por Giulia Biondelli (e depois Lerma), Grani, Ancona (e depois Beltrami), Bellati, Ragni.

Carmen, de Bizet, em 31 de dezembro, 1.ª recita de assignatura extraordinaria, por Zélie de Lussan (e depois Ernestina Bendazzi Garulli), Giulia Biondelli (e depois Ada Scalatella Treves), Lina Garavaglia, Clotilde de Sandre, Grani (e depois Alfonso Garulli), Bellati, Contini, Alessandro Polonini, Ragni, Barbieri.

Il Trovatore, de Verdi, em 1 de janeiro de 1898, por De Lerma, Parsi, Sandre, Hector Dupeyron, Bellati, Contini, Fiesoli, Ghidotti.

Andrea Chénier, de Umberto Giordano, em 10 de janeiro de 1898, 2.ª recita de assignatura extraordinaria, por Tetrazzini, Parsi (e depois Rosa Garavaglia), Biondelli, Guglielmo Anastasi Pozzoni, Ancona, Bellati, Contini, Polonini, Ragni, Saporetti.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

Esta marcha é constante seja qual fôr o estado do céu, mas a quantidade existente pode tornar-se variavel consoante essa circumstancia. N'um logar qualquer, é minima a quantidade de vapor ao romper da aurora e maxima a humidade relativa, em virtude da temperatura ser mais baixa. A maneira que a quantidade de vapor augmenta, diminue a humidade relativa com o augmento gradual da temperatura, attingindo o maximo cerca do meio dia.

Durante o anno é em janeiro que a quantidade de vapor é minima e a humidade relativa, maxima. Em julho, os factos passam-se de uma forma opposta.

Resultados medios em Lisboa

Mezes	Tensão media do vapor	Humidade do velatua
Janeiro	7m,87	81m,17
Fevereiro	7,61	76,28
Marco	7,66	70,39
Abril	8,83	69,75
Maio	9,60	68,77
Junho	10,52	63,88
Julho	11,36	62,59
Agosto	11,37	61,28
Setembro	11,43	67,09
Outubro	10.43	72,61
Novembro	9.16	77,86
Dezembro	7,69	79.02
Annual	9,44	70,89

A duração dos ventos modifica tambem o gráu de humidade. Assim, com os ventos N e NE, sendo estes os mais seccos, a humidade é menor; com os ventos S e SW é maxima.

Se a temperatura do ar, durante a noite, resfriar notavelmente, o vapor d'agua depositar-se-ha, em pequenas gottas, sobre as plantas e outros corpos cuja temperatura fôr muito baixa. É o *Orvalho*.

Forma-se, em geral, nas noutes calmas, sobre os corpos isolados, e em maior quantidade n'uns do que n'outros, de preferencia nas plantas, materias siliciosas e vidros, e em geral, em todos os corpos que facilmente tendam a diminuir a sua temperatura pelas radiações.

Favoreceu a producção do orvalho; o gráu de humidade, a temperatura baixa durante a noute, exposição ao ar de objectos mais conductores do calor, e pureza de céu.

Em certos pontos, chega o orvalho a supprir as chuvas tornando viçosas as plantas, o que succede nas costas septentrionaes africanas, no Brazil, etc. Boussingault tentou medir a quantidade de orvalho. Depois de varias noutes de grande producção de orvalho, dirigiu-se ás planicies do Baixo Rheno, onde, por meio de uma esponja, enxugou a herva, n'uma superficie de 4 metros quadrados. A agua collocada n'um frasco e em seguida pesada, deu um peso superior a 1Kg. Em media, essa quantidade correspondeu a uma chuva de 14 millimetros, equivalente a 1:400 litros de agua, cahindo n'uma superficie de um hectare.

A *geada* é o orvalho congelado no solo, a uma temperatura inferior a 0,°, produzindo effeitos ás vezes funestos nos vegetaes. Para os preservar é usual cobril-os de palha ou outro abrigo, ou mesmo accender fogueiras. Forma-se a geada quando depois de uma serie de dias muito frios, a temperatura se eleva subitamente.

O *sereno*, quasi analogo ao orvalho, é a precipitação da agua em pequenas gottas, sempre que o ar esteja toldado.

A *cacimba*, egualmente devida ao resfriamento brusco do solo, e camadas aereas proximas, são pequenas gottas de chuva produzidas com a atmosphera nublada ou encoberta.

Quando o vapor d'agua se condensa, tornando-se vizivel, toma o nome de *nevoeiro* á superficie da terra, e de *nuvens*, quando nas camadas superiores.

O *nevoeiro* são pequenas gottas espheroidaes ôcas, com um diametro pequenissimo, sendo este maior no inverno do que no verão. Se o ar está mais frio que o sólo, e carregado de vapor d'agua, formar-se-ha o *nevoeiro*.

Conteem os nevoeiros, além de vapor d'agua, anhydrido carbonico, ammoniaco e alguns nitratos.

Quando os nevoeiros se dissipam até ao meio dia, apparecendo de novo, á tarde para desapparecer á noite, são prenuncios de bom tempo. Se depois de dias chuvosos, apparece um nevoeiro frio, é egualmente de prevêr o bom tempo. Não se dissipando, porém, até ao meio dia, se attingem camadas superiores, condensando-se, formam as *nuvens* que dão origem ás *chuvas*.

As *nuvens* differem do nevoeiro:

1.° Em que estas são como que um objecto individual, ou um grupo de vapores viziveis com forma determinada, e aquelles são em geral, locaes onde passa o vapor de um estado invizivel a um estado vizivel.

2.° Em que as nuvens são arrastadas pelo vento, e estes, estacionarios.

A agua, evaporando-se em grande massa encontrando nas altas regiões da Atmosphera, camadas mais frias, condensa-se, e forma as nuvens. Consoante as formas, as nuvens classificam-se em:

1.° *Stratus*. É uma camada de nuvens limitada por 2 planos horizontaes, observadas sobretudo, ao pôr do sol.

2.° *Cumulus*. São nuvens de formas, simulando castellos, ou montanhas, mais vulgares no verão, accumulando se ás horas maximas do calor e dissipando-se em seguida. Prognosticam trovoadas.

3.° *Cirrus*. São nuvens compostas de filamentos tenues, semelhando guedelhas de lã. Prognosticam máu tempo.

4.° *Nimbus*. São nuvens negras, sem forma propria, carregadas de agua.

Da combinação d'estes typos resultam:

1.° *Cirro-Cumulus* que nos dão o aspecto do céu pedrento.

2.° *Cirro-Stratus*. Quando os stractus se entrecruzam, tornando-se mais densos dando ao céu o aspecto do algodão-cardado, formam-se os cirro-stratus prenuncios de chuva. É n'esta occasião que formam, em torno do sol ou da lua, os *halos*, de que fallaremos.

3.° *Cumulus-Stratus*. Os cumulos tornando-se numerosos e densos, constituem camadas que cobrem totalmente o céu. São os cumulus-stractus.

4.° *Cumulus-Nimbus*. São cumulus que tornando-se mais densos, adquirem a côr negra modificando a sua forma.

A altura das nuvens é variavel. No verão, estão, em geral, mais altas do que no inverno. Gay-Lussac, em uma viagem em balão, a 7:000 metros de altura observou ainda nuvens altissimas e que suppoz serem ainda distantes d'elle, cerca de 5:000 metros.

Ha ou não, suspensão, nas nuvens?

Parece que realmente a suspensão das nuvens existe, mas estas cahem constantemente no espaço; porém a certa altura, as camadas inferiores dissipam-se, tornando-ás camadas quentes das Atmosphera, ao mesmo tempo que nas camadas superiores se formam novamente, devido a condensação de novos vapores. Eis porque estas mudam constantemente de forma.

Nebulosidade é a quantidade de nuvens existentes no céu. Dividindo o firmamento em 10 decimos, e designando de 0 a 10, a quantidade de

nuvens existente, temos assim designado a nebulosidade do céu.

Nebulosidade	Estado do céu
0	Limpo
1	Pequenas nuvens
2	Algumas nuvens
3	Bastantes nuvens
4	Pouco nublado
5	Bastante nublado
6	Nublado
7	Muito nublado
8	Quasi encoberto
9	Muito encoberto
10	Encoberto

Segundo os dados do observatorio D. Luiz, eis a media da quantidade de nuvens em Lisboa, durante o anno.

Janeiro	5,7
Fevereiro	5,0
Março	4,7
Abril	5,0
Maio	4,6
Junho	3,3
Julho	2,0
Agosto	1,9
Setembro	3,6
Outubro	4,8
Novembro	5,4
Dezembro	5,0
Annual	4,2

Como se vê, a nebulosidade diminue do inverno para o verão, sendo minima n'esta estação.

Pluviometria. A chuva é a queda da agua proveniente da condensação das nuvens. As vezículas das nuvens, tendo engrossado, e tornando-se mais pesadas, precipitam-se para junto do solo, dando logar á chuva. Se o ar está muito secco, evaporam-se, em parte, durante a queda, e por isso, chove mais n'essas occasiões, nas grandes altitudes. Se o ar está humido, as gottas de agua vão successivamente engrossando até junto do solo, e então chove mais abundantemente nas regiões mais baixas.

A chuva é medida pelo pluviometro. Consta de um vaso cylindrico de metal terminado por duas pyramides conicas, na qual a superior termina por um funil que recebe a agua, e a inferior por uma torneira. A agua do apparelho vasa-se, pela torneira, n'um frasco graduado em 125 partes eguaes que correspondem a 25^{mm} de chuva, pois cada uma, representa um volume d'agua, cuja base é o diametro do apparelho e a altura 0,^{mm}2.

Quando a temperatura do ar está abaixo de zero, a chuva converte-se em neve, mas esta diminue, em abundancia, em temperaturas muito inferiores a este ponto, porque a quantidade de vapor d'agua na atmosphera, torna-se menor.

E' sensivel a diminuição das chuvas do equador aos polos.

Latitude	Chuva annual
0°	3000^{mm}
10°	2850^{mm}
20°	2410^{mm}
30°	1320^{mm}
40°	900^{mm}
50°	710^{mm}
60°	540^{mm}
70°	410^{mm}
80°	320^{mm}
90°	250^{mm}

Em Lisboa, a media annual é de 730,^{mm}4, em Paris de 540,^{mm}4 e em Arkangel apenas de 215,^{mm}0.

A proximidade dos mares influe egualmente nas chuvas. Estas diminuem á maneira que d'elles nos affastamos. E' natural que as nuvens não se formando no interior dos continentes, sejam, aqui, as chuvas proporcionalmente mais raras.

A altitude influe egualmente, fazendo augmentar as chuvas. Assim, no Himalaya, cahem annualmente 14:800^{mm}, e na cordilheira dos Gattes ha aguaceiros que produzem 730,^{mm}4, exactamente a que annualmente, cahe em Lisboa.

Ha uma zona, na Europa, que faz excepção á regra geral, n'aquellas latitudes. E' a região dos Alpes Scandinavos, norte de Inglaterra e Irlanda, onde as chuvas são muito abundantes e annunciadas por fortes depressões barometricas. Em Bergen, a chuva annual é de 2,^{m}65. Muitos pontos, em virtude da sua posição maritima aberta aos ventos sudoeste teem uma quantidade de chuva, relativamente grande. Assim Nantes tem 1,^{m}30 de chuva annual e o Porto 1,^{m}523, etc.

As regiões sem chuva são ao largo do Sahara, Egypto, Arabia e Persia. Em Biskra, na Algeria, observa-se, por anno, sómente, 5 millimetros de chuva.

A proporção das chuvas diminue do oeste para leste com zonas de condensação, produzidas pelo relevo do solo. Na Grecia, as chuvas são minimas, assim como a humidade.

No hemispherio austral, as chuvas são mais abundantes do que no nosso, devido, sobretudo, á zona equatorial das chuvas e ás monções, no emtanto, no nosso hemispherio, a evaporação é maior. A distribuição das chuvas, devido ás variações de temperatura, são dependentes das estações.

Os paizes com uma só estação de chuvas, são os situados entre os tropicos onde o Sol, duas vezes por anno, se torna perpendicular á superficie da Terra. O excessivo calor, devido a esse facto, produz uma rarefacção energica nas camadas junto ao solo, as quaes, elevando se, resfriam, dando em resultado, a chuva. Reinam, portanto, as chuvas no verão.

A partir do paralello 24° até 42° de latitude, as chuvas cahem de preferencia no inverno, áparte, irregularidades locaes.

De 42° a 75°, as chuvas cahem em todas as estações, e em muitos pontos, são mais abundantes de verão do que de inverno, o que succede por exemplo na França, Allemanha, S. Petersburgo, etc.

A direcção dos ventos influe egualmente nas chuvas. Em geral, são maximas com os ventos de SE a SW, e minimas com os do N e NE. Nas zonas intertropicaes, as chuvas são mais regulares, em virtude da invariabilidade dos ventos.

O maior aguaceiro até hoje observado, foi em Molıgt, de 314^{mm} em hora e meia no dia 20 de março de 1868.

No exame meteorologico de um paiz, devemos egualmente attender ao numero de dias chuvosos por anno. Em Lisboa, em media, por anno, 112 dias de chuva.

Não confundir *intensidade* e *duração das chuvas*. Uma chuva pode ser intensa e de pouca duração. A primeira é medida no pluviometro. Em geral, as chuvas mais intensas são as de menor duração. E' mais frequente, com effeito, chover constantemente durante 3 ou 4 dias, com pouca intensidade do que com muita. As grandes quedas d'agua dão em geral, origem as claros da atmosphera, provindo d'ahi a diminuição das chuvas.

Durante as chuvas, cahem muitas vezes, pequenas massas de gelo, globulosas, compactas e transparentes. E' a *saraiva* ou mais vulgarmente chuva de pedra. A sua quantidade augmenta da zona torrida em que é minima, aos polos. As nuvens de saraiva são em geral de curta extensão e veem-se, quasi sempre em occasiões de trovoada. Ha ainda a citar, as *chuvas de sangue*, com côr vermelha sanguinea, devido ao vento que transporta de grandes distancias, areias vermelhas da Africa, as *chuvas amarellas*, devido ao transporte do *pollen* do vento, as *chuvas de leite*, *mercurio* e de *insectos*. São phenomenos perfeitamente accidentaes, devidos a qualquer circumstancia que contribua para a coloração das chuvas, de que a meteorologia das chuvas não tem que se occupar.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugene Berthoud

— Pois hurrah! pelo sr. Gibson, exclamou Guérac enthusiasmado. Querida filha, e era esse o crime que eu ameaçava divulgar!

— Morria de vergonha!

— Coquette!... Mas, visto que me suppunha ao corrente do misterio, porque nunca em tal me falou desde o nosso casamento? Como foi que o qui-pro-quo não se esclareceu mais de vinte vezes?

— E' que ha defeitos, suspirou ella, córando muito, que ao proprio marido custa a lembrar.

Raul, embriagado por tanta felicidade, apertou-a ao peito, cheio de paixão. Depois correndo para o americano:

— Sr. Gibson! gritou com toda a força dos pulmões.

— Sr.?

— Atormentei-o muito vez.

— E' verdade.

— Sinto-o muito, e queira desculpar.

— Está desculpado.

— A sua mão?

— Aqui a tem.

— Eram ciumes, sr. Gibson!

— De mim?

— Sim, sr.

— E isso acabou?

— Acabou.

— Então posso almoçar?

— Está claro.

E Raul poz sobre o marmore do fogão uma carteira recheada de notas, emquanto o sr. Gibson descia a escada, gritando:

— Francisco! Vai abrindo as ostras!

X

Cinco minutos depois, os dois esposos, ou para melhor dizer os dois amantes, rodavam, um ao lado do outro, direitinhos para casa.

Quem o crêra? Uma lagrima furtiva brilhou nos lindos olhos de Aurelia.

— Ah! disse Raul baixinho. Ainda não me perdoaste, másona!

— Não é isso, murmurou ella.

— Então o quê?

— Uma idéa triste!... Conheces agora o meu segredo, o verdadeiro...

— E então?

— Vais achar-me feia e não gostarás de mim.

Raul puxou a mulher para si o que a fez, entre as lagrimas, sorrir. E, como sorrindo, mostrava os dentes encantadores, aproveitou a occasião e deu um beijo nas perolas.

— O quê?... Pois tambem na perola falsa?

Sim, leitor. Eu cá não acharia melhor resposta. E o leitor?

FIM

Recebemos e agradecemos:

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria — Coimbra, 1901.*

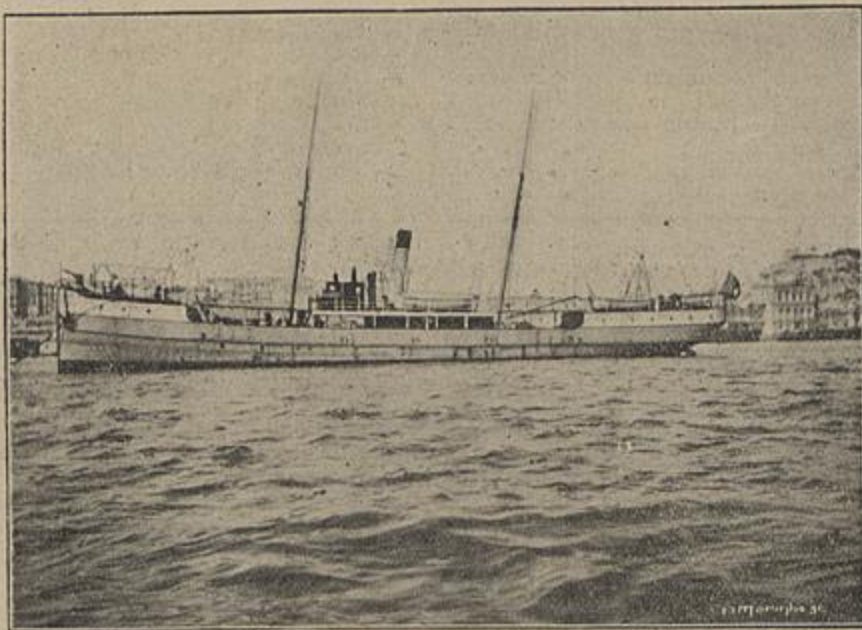
O volume do anno corrente é o 48.° da collecção do *Instituto* e d'elle se publicaram dez numeros relativos aos mezes de janeiro a setembro ultimo.

A commissão de redacção é constituida pelos srs. Bernardo Ayres, Eugenio de Castro, José Ferreira Marnoco e Sousa *(secretario)*, José Frederico Laranjo *(1.° redactor)*, Luciano Antonio Pereira da Silva e Manoel d'Azevedo Araujo e Gama. Tão distincto grupo tem dado á antiga revista conimbricense notavel brilho, illustrando-a ultimamente os nomes de Adolpho Coelho, Bernardino Machado, Lemos da Rocha, Pires de Lima, Sousa Viterbo, Correia Barata, A. Xavier da Silva Pereira, Marques Braga, Sobral Cid, Julio de Castilho, Candido de Figueiredo, Ascensão Valdez, Viriato de Albuquerque, Leite de Vasconcellos, Costa Cabral, Rodolpho Guimarães, Adriano Lopes Vieira, Affonso Hincker, Ferreira da Silva, etc., etc.

Todos estes nomes se encontram no presente volume subscrevendo interessantes trabalhos, á altura da aggremiação de que é orgão a conceituda revista.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, *por Eduardo Freire de Oliveira — Archivista da camara municipal da mesma cidade; socio correspondente do Instituto de Coimbra — 1.ª parte — Publicação mandada fazer a expensas da camara municipal de Lisboa, para commemorar o centenario do Marquez de Pombal em 8 de maio de 1882 — Tomo XI — Lisboa, Typographia Universal, 1901.*

Foi com muito prazer que verificámos achar-se publicado mais um volume d'esta importante collecção de documentos, modestamente intitulada *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, mas nos quaes «se relembram factos e se desenvolvem acontecimentos que não interessam exclusivamente ao municipio lisbonense» mas a todo o reino de Portugal. Mostrando este valor o sr. Eduardo Freire de Oliveira escreve no começo do presente volume:

«Lisboa, pela sua excepcional importancia, pelo imperio moral que muitas vezes exerceu, patrioticamente, na resolução de negocios do estado, sacrificando-se, com admiravel isenção, em prol do bem commum, pela sua acção que em determinadas circumstancias ultrapassava os limites do termo e se estendia a todo o reino, como acontecia

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

O NOVO TRANSPORTE «ALVARO CAMINHA»

com os assumptos da saude publica, pelo organismo, emfim, do seu governo, dotado de extraordinarias attribuições, mais engrandecido, a nosso vêr, depois da democratica constituição que D. João I deu aos gremios dos officios mechanicos e Casa dos Vinte e Quatro, Lisboa, debaixo do ponto de vista expresso, forçosamente devia occupar o logar mais notavel entre todos os concelhos, e, mais do que nenhum, ministrar interessantes subsidios para a historia patria.»

Nos dez volumes já publicados acha-se compilada uma enorme serie de documentos que bem confirmam estas asserções. Tendo terminado o X com a consulta da camara a el-rei em 3 de fevereiro de 1712, abre o XI com outro documento da mesma natureza em data de 6 de abril do referido anno e fecha com o assento de vereação de 22 de setembro de 1723.

Abrange, portanto, o presente volume documentos relativos a um periodo de treze annos. É difficil querer salientar um ou outro, porque todos offerecem interesse, embora variado. E para que se lhes reconheça toda a importancia são elles umas vezes eruditamente annotados, outras esclarecidos com mais documentos que subsidiariamente os completam. E n'estas notas revela muito estudo, muita investigação, o sr. Freire de Oliveira, que assim consegue dar aos *Elementos* um valor geralmente apreciado e um interesse, que os documentos só teriam para limitado numero de leitores. Comtudo, conserva-se na sua reproducção o mais rigoroso cuidado, toda a attenção de um verdadeiro diplomatico.

Entre muitos assumptos a que se referem os documentos insertos no presente volume, destacaremos alguns a que as notas dão maior relevo: Publicação da paz ajustada com a França em 1713; usurpação de baldios do termo da cidade; desacato ao SS. Sacramento na noite de 9 para 10 de abril de 1715, na villa de Setubal; nascimento do infante D. Carlos; pretenção do officio de pasteleiro de entrar na Casa dos Vinte e Quatro; divisão da cidade em oriental e occidental; nascimento do infante D. Pedro; os charameleiros da cidade; batalha do cabo de Matapan; rendição de Belgrado; rendas e foros municipaes; os extraordinarios preparativos e despezas feitas pelo senado com a assombrosa procissão do Corpo de Deus em 1719, a cujo respeito se exhibe um grande numero de documentos; Academia Real de Historia Portugueza; os *bairros* da cidade; eleição do papa Innocencio XIII; regimento dos livreiros; casa da moeda; diversos assumptos geraes, especialmente economicos; etc., etc.

Novas revistas:— O Latego—*Quinzenario de critica ás letras, artes, politica e costumes portuguezes —Porto, 1901.*

O summario do 1.º numero d'este novo quinzenario é o seguinte: Viagem de Suas Magestades aos Açores—A peste bubonica—A critica em Portugal—A instrucção no Porto—Factos e commentarios—Opiniões da imprensa.

Assigna-se na Livraria Editora de Antonio Figueirinhas, rua das Oliveiras, 73, Porto e no Centro de Publicações de Arnaldo Soares, n'esta mesma cidade.

Preço de cada numero avulso, 50 réis.

A Severa — *Romance original de Julio Dantas —Illustrações de Alonso—Empreza Editora F. Pastor — R. do Ouro, 243 — Lisboa.*

Embora romance popular, como o declara o prospecto que temos presente, *A Severa* não poderá, parece-nos, tornar se objecto de leitura do povo, o que em verdade é para estimar. Nem o brilhante estylo do auctor se compadece com esse intuito, porque o povo o não comprehende decerto, nem o assumpto é de molde a que se deseje a sua leitura em geral. Além do assumpto não ser por completo popular, tambem o não é o romance, vista a sua fórma litteraria, por vezes bastante aprimorada.

Diz-se no prospecto que o romance, á semelhança das *Scenas da vida de bohemia*, se poderia chamar *Scenas da vida do fado*. E esta declaração basta para se vêr quão pouco edificante será a sua leitura, havendo tanta necessidade de que o povo se eduque e se não perverta.

Já aqui o temos dito outras vezes. N'um paiz em que o sexo que mais lê é o feminino, os romancistas teem obrigação de lhe dedicar trabalhos, que, aproveitando-lhe a natural sensibilidade, lhe offereçam agradavel interesse e não vergonhoso conhecimento do que nos seria mais grato elle ignorasse tanto quanto possivel.

Se por querer elaborar um romance popular o auctor julgou que podia descrever a vida do fado, com todas as minucias, enganou-se, porque é exactamente este genero o que mais edificante se deve apresentar. Ou então em muito pequena consideração elle tem o povo que lê, e que nos romances busca refrigerio ás agruras da vida, repasto para a sua imaginação inquieta.

Nada d'isto offerecerá o romance *A Severa*, que, em verdade, se deve limitar aos leitores do sexo masculino e que pela sua edade já nada tenham a perder com uma tal leitura.

Não podendo deixar de lamentar que escriptores de indiscutivel valor explorem assumptos tão escabrosos e inglorios, aqui lavramos o nosso protesto contra a designação de romance popular dado á *Severa*.

Ainda do respectivo prospecto destacamos o periodo seguinte, que synthetisa bem o assumpto romantisado, servindo de mais claro aviso a quantos o desejarem conhecer e que não tenham visto a peça do mesmo titulo representada em tempo no theatro D. Amelia:

«Toda a epocha brilhante dos Marialvas, desde as esperas de toiros até á vida da Mouraria, desde o fado batido até ás festas das Larangeiras, desde as pateadas de S. Carlos até ás touradas reaes, toda essa bella epocha de amor e de loucura, resalta nitida do romance, que, sem ser puramente historico, pela impossibilidade de citação clara de nomes e de factos particulares, é em todo o caso um romance de ousadia, de violencia e de vida palpitante.»